

# GOLIATH

OU

# GETH E BETHELEHEM

PELO ACADEMICO

*Manuel Cardoso de Giraõ*



COIMBRA  
IMPrensa DA UNIVERSIDADE  
1866

A SUA MADRINHA

A EXCELLENTÍSSIMA SENHORA

**D. MARIA DA CONCEIÇÃO CARDOSO DE MANCILHA**

**E A SUAS EXCELLENTÍSSIMAS MANAS**

EM TESTEMUNHO DE MUITA ESTIMA,  
AMOR E GRATIDÃO

**O. E D.**

*O Auctor*

*Excellentissima Senhora*

*Offereço este pequeno livro a V. Ex.<sup>a</sup>, porque quasi lhe pertence. Fui educado em pequeno na companhia de minha querida Madrinha, e das Excellentissimas Manas de V. Ex.<sup>a</sup>; e as idéas religiosas, que me glorifico de mostrar publicamente, recebi-as da educação, que me deu essa familia, como da virtude das pessoas, que eu tenho venerado com amor de filho pela amizade estrema com que me têm tractado.*

*Este livro não é mais que o resultado da direcção, que me deram.*

*Tem valor, porque é sancto o fito, que mira.*

*Sou com toda a consideração  
De V. Ex.<sup>a</sup> affilhado, am.<sup>o</sup>, m.<sup>o</sup> ob.<sup>o</sup> e ob.<sup>o</sup>*

*Manuel Cardoso de Girão.*

*Coimbra, 5 maio de 1866.*

Et egressus est vir spurius de castris  
Philistinorum, nomine Goliath, de Geth  
altitudinis sex cubitorum et palmi.

*Liber 1, Regum, cap. XVII, v. 4.º*

Is it bigotry to believe sublime truths  
of the Gospel with full assurance of faith?  
I glory in such bigotry.

BEATTIE.

Escrevo este pequeno opusculo, reimprimindo tambem com pequenas alterações o primeiro folheto, que escrevi sobre o casamento civil, por me ser pedido por differentes livreiros e estar de todo esgotada a primeira edição ; juntando-lhe considerações geraes, que faço a proposito d'esta questão e do espirito, que a suscitou.

Mas é urgente, porem, que eu escreva uma especie de prologo. Sou, certamente, novo de mais para que possam minhas palavras ter alguma acceitação do publico ; e, sem ter prestigio como escriptor, nem mesmo conhecimentos profundos, pelos meus poucos annos, tenho vacillado se deverei entrar de novo na questão, altamente importante, do casamento civil.

Tenho vivido numa sociedade superficial em seus juizos, pouco firme em crenças, e arrastada em massa para o enthusiasmo, bom ou máo, segundo o acenar dos que se constituem directores academicos.

Tenho até hoje pertencido a este corpo, que se diz cheio de fogo, de enthusiasmo por tudo o que é grande, de crenças sinceras e puras, dos sublimes sentires da mocidade; mas seja dicto com verdade, que pode geralmente dividir-se a academia em dois grupos: um grande, que abrange quasi a totalidade, que ajuisam de tudo sem reflexão, engolfados no estudo profundo das quarenta paginas dos azes e quinas: outro quer-se dar um ar de santidade e profecia, diz-se profundamente sabio, citando Zoroastro e Ramayana, a epopêa de Rama, caminha para o Oriente, costêa os altivos pincares da India, fita d'alli a profunda Asia, e exclama agarrado a Michelet: «Encontrei a Biblia da bondade!... Recebe-me, grande poema; quero mergulhar ahi!..... é o mar de leite!»

Estes parece que, embebidos nas contemplações de Zoroastro, são em parte inintelligiveis nos seus dogmas e crenças religiosas.

Quando fallam em Deus é uma tal confusão, que não se sabe ao certo, se Orsmus e Arimhan, os deuses do bem e do mal, são netos do tempo, se a palavra é a mãe d'elles, á maneira do propheta Persa.

Depois exclamam: Christo é menos divino que Rama, que Zoroastro, —sem se lembrarem que Valmikiy cantou as encarnações de Vichnou, talvez bellas nas concepções do poeta, mas ridiculas perante a intelligencia do pensador illustrado; é certo que tudo isto é da fabula indiana, tendo-se Rama pelo Baccho dos gregos.

Escrever por consequencia deante de uns e de outros é arrastar sobre mim a maldição e a commiseração certamente;

dos primeiros, de quem escreveu Chateaubriand, homens aparentemente frívolos, que destroem zombando, e dos segundos, a quem muito aproveitaria a eloquência do orador de Hermopolis, a quem se regosijaria de orar o sabio Fraysinous por ver tão brilhante e intelligente mocidade, capazes de abrir o coração ás verdades do Christianismo, mas desviados da crença christã pela Biblia da Humanidade, pelos estudos sobre o casamento civil do sr. Herculano, etc. etc.

Tenho vacillado, pois, se deverei sujeitar-me de novo ao odio dos que acham sordida e ignobil a instituição da Igreja, e julgam crime de lesa-liberdade o defender as leis dos concilios, as mais sociaes, venerandas, e sublimes, e que a custo desculpam que se venere Jesu Christo, o homem martyr pela sua doutrina humanitaria.

Escrevi uma pequena carta ao sr. Herculano; porem depois quasi me conheci amaldiçoado de Deos, e poderia dizer como Job:—«os meus propinquos me desamparam; e os que me conheciam esqueceram-se de mim».

Era uma gritaria terrivel contra mim por defender o Catholicismo.

Debalde respondia eu que a responsabilidade de meus actos pesava sobre mim sómente; era o mesmo. Lembra-vam-me as aves nocturnas com sua grasnada lugubre, esvoaçando espavoridas á luz do relampago, que viesse romper as trevas.

Pensei sempre que dó seio do corpo docente da Universidade se ouvisse uma voz cheia de saber e profundamente eloquente, que respondesse com a placidez da scien-

cia ás doutrinas do sr. A. Herculano, que, se eram dictadas por uma consciencia firme, vinham tambem forjadas no fogo d'um orgulho desmedido e desespero indesculpavel.

Se não competia isto tanto aos juristas, que deixam aos theologos as cousas do céo, o infinito das concepções mais altivas da alma, ao menos os theologos deviam dispensar um pouco de tempo da já automatica phrase latina de Sancto Agostinho, e elucidar uma questão altamente importante, que se tem agitado entre Israel e os Philisteus.

Quando ha um gigante, vestido de ferro e de cobre, com capacete, couraça e escudo de rijo bronze, quando esse Goliath, brandindo a lança, para a qual, na phrase de Milton, seria pequena vara o mais alto pinheiro da Norwega, sáo á frente da batalha e brada como o filho de Geth — Escolhei d'entre vós um homem, que venha bater-se commigo só por só, —ficará tudo attonito e medroso como Saul e o seu povo?

Durante os quarenta dias do desafio não apparecerá um David, que arrote a força concentrada do arraial inimigo?

Tenho orgulho de ser eu o unico entre este grande corpo academico — professores e estudantes, que me colloquei debaixo do golpe do colosso, e que me deixei esmagar debaixo de *æu* carro de triumpho, não por amor ao idolo, como os fanaticos de Djaggernat debaixo das rodas da estatua da trindade indiana.

Entre os estudantes os que escrevem martyrisam a imaginação em organizar phrases altas e todas de desprezo ao reconhecido merecimento do sr. Castilho; fecham os olhos,

e armados de cortante espada, batem para a direita e para a esquerda a ver se degolam a victima de seu odio.

Esta lueta comparei-a, —bem estupidamente, é certo, mas não sei porque a comparei assim — comparei-a á corrida do gallo dos rapazes da eschola com os olhos vendados, e caminhando para a pobre victima, com a espada em punho, accusando-a em verso de crimes inauditos, até vir o mestre com a palmatoria, castigando os rapazes, que recitaram algumas quadras pouco convenientes.

Felizmente o sr. Camillo Castello-Branco fez callar esta affronta, e susteve esta lueta de gente armada, prestes a degollar o sr. Castilho. Levaram alguns o lenço ás lagrimas de desconsolo e de arrufo, mas é certo que terminou a lueta de exterminio litterario.

Para essa guerra, mil vezes inconveniente e mil vezes imperdoavel, havia soldados aguerridos e valentes campeões; e para uma questão de grande interesse social, uma questão de direito modificado, ou harmonisado com a grandiosa natureza da familia, e com as mais sublimes instituições do Christianismo; ha o silencio e a indifferença; silencio d'uns, talvez motivado pela certeza da victoria de seu gigante; d'outros, pelo temor do ferro de sua lança.

Livre-me Deos de pensar que pouco vale o sr. Herculanoo. É certamente uma de nossas glorias litterarias, e talvez a maior.

Mas porque Rousseau foi um genio, que glorifica um seculo; porque Voltaire, poeta e philosopho, ha de fazer cur-

var ao seu genio a admiração da posteridade; deveremos, acaso, ser obedientes proselytos de suas doutrinas?

Admira-se o genio, levanta-se-lhe um pedestal de gloria por seu auxilio ao progresso e civilisação.

Mas ficar-lhe-ha erguido um de ignominia, quando pretenderem apagar a luz viva, que tem rompido as trevas em toda a parte onde reina o Christianismo.

Procurem-se as melhores instituições sociaes, os dogmas mais venerandos do credo liberal, e vejam se os encontram nas regiões do Himalaya, na Persia, nos dominios do Koran; ou na França, em Portugal e nos demais estados catholicos.

Recue-se ao passado centenaes d'annos, leiam-se as leis de Roma, d'essa Roma, que Numa fez religiosa para a tornar eterna, leiam-se as leis de Solon, as leis de Pythagoras, dos Druidas, as do antigo Egypto ou as leis de Minos, e ver-se-ha que o que ahi ha de grande e majestoso é perfeitamente harmonisado com a religião christã, e que em aberta contradicção com as grandes maxims estão alli misturados outros preceitos, despreziveis e offensivos á dignidade dos primeiros.

Pense-se poucos minutos no capitulo V de S. Matheus; imagine-se um homem de quem escreveu ao senado de Roma o governador da Judeia, de virtude singular, de aspecto veneravel, grande e bello, censurando com magestade e exhortando com suavidade; homem, que, pela sua grande formosura e por suas perfeições divinas, excede os filhos dos

homens; sigâmos seus passos, subindo ao monte, e ouçamos com attenção profunda as suas palavras no cimo da serra, e depois digâmos—se ha cousa mais sancta que a oração do monte; se ha religião alguma, que ensine tão sublimes virtudes a nosso coração, como humildade, mansidão, amor, justiça, paz e caridade!

Oh! repito com Beattie:—Será superstição crer nas verdades sublimes do Evangelho, com inteira firmeza de fé? Glorifico-me de tal superstição: «Is it bigotry to believe the sublime truths of the Gospel with full assurance of faith? I glory in such bigotry.»

Curvo-me com um orgulho sublime a esta religião eterna, a esta religião, que me promete a immortalidade, que minha alma ha de ser eterna, infinita, e rasgar o véo, que nos occulta os mysterios da creação, dos céos, e do proprio Deus!...

Que será mais digno dos sentimentos altivos da mocidade, que pensar nas qualidades mais sublimes da alma, e voar com as azas d'um anjo através das espheras de luz, e esquecer-me em Deus da argilla, que me prende?

Se isto é fanatismo, regosijo-me d'elle. Se desço da altivez d'esta crença a essa doutrina, tão decantada pelo jornalismo, vejo um imperio trémulo, sem o astro da luz, que lhe dê vida.

É uma pequena ilha no mar do norte, fria, deserta, e em eternas e profundas trevas!

Liberdade, egualdade, e fraternidade serão tres espheras,

rolando ao destino, sem sol, que lhes dê a lei, a ordem e a luz!

Como mancebo, cheio d'este fogo sancto da mocidade, amo a religião christã, amo as leis sociaes, que vêm reflectidas do evangelho, e tenho o nobre orgulho de defender uma das leis da Igreja christã mais venerandas e de maior interesse social.

Não receio a critica da imprensa, pouco affecta a minhas idéas; pois o jornalismo, que, pelo interesse sordido d'uma paixão partidaria ou despeito pessoal, desacredita sem motivo os governos, legalmente constituídos, e que pretende enegrecer o prestigio, que deve brilhar na auctoridade, com prejuizo da felicidade publica; esse jornalismo, que, com excepções gloriosas, só falla em nome de considerações profundamente vergonhosas e não com a imparcialidade da justiça; esse jornalismo, que deixa entrar nos domínios da luz garotos armados de pedras para macerarem a face dos ministros, que tantas vezes só têm o crime de dirigirem os destinos da nação, certamente que não pode deixar de exclamar com desprezo:—Mais um apostolo das trevas! mais um demente entre os esclarecidos filhos do seculo!...



# GOLIATH

## I

A historia da humanidade, desde as trevas, desde o embrutecimento geral do passado até o seculo esclarecido, em que vivemos, tem sido sempre a peregrinação ascendente do ser livre e sagrado, chamado homem, para um foco radiante de luz pura.

Olhemos para o quadro. Já desde a perdição do Eden, de data em data, começam a erguer a fronte os privilegiados do genio, mirar outro Eden no futuro, e apontar com o dedo, lá bem longe do seu seculo, a luz, as delicias e os amores antes da queda dos dois progenitores da humanidade, ou da queda universal da humanidade d'então!

As tradições, as legendas, a historia, depois a philosophia, a religião, e a fabula, em cyclos diversos, attestam-nos as feições characteristics do homem na sua passagem para a Jerusalem promettida.

A antiguidade já não é nossa. O tempo é chave de bronze,

que fecha a porta transparente-escuro do passado, onde a custo podemos sondar, entre o nada dos tumuloz, o murmúrio, o soffrimento, o prazer, as concepções do homem nos differentes cyclos de sua existencia!

Restam-nos as tradições, os monumentos e a historia. E o monumento mais alto que as pyramides de Chéops, que o altivo Dhawaladgerid, é esse livro escripto no occidente da Asia, sobre as areias da Arabia, ou nas solidões da Palestina!

D'ahi podemos ver a humanidade, que passou; esse povo, que via fulgir no céo a estrella da crença, reflectindo-se sobre sua alma; esse povo, que tinha levantado a fronte para um Ser Supremo, a quem a sua lingua hebraica dava um nome, que resumia em si a idéa mais alta da perfeição celeste.

Emquanto que os poetas gregos cantavam seus hymnos de amores e doçura á sombra voluptuosa da vegetação da Grecia, o povo do Oriente erguia ao Deus de tudo um cantico eterno, profundo, divino, entoado aos sons melodiosos da harpa de David.

A religião do paganismo era a divindade do bosque, do mar, do monte, ou da cavidade dos penedos, e para cada estrella do céo creava-se um deus á vontade do mythologo, um deus limitado, menos deus que o homem.

E o povo de Israel, nessa infancia da humanidade, via, reflectindo-se nesse espelho immenso da criação universal, o Ser, que, ao sopro unico de seu poder, fez surgir do cahos a ordem e a lei, das trevas raiar a luz, rolares na im-

mensidade essas espheras de fogo, que narram a sua gloria, e do nada crear um espirito immortal, que vae com mão arrojada rasgar o véo do firmamento e ver alem o seu Creador, o Jehovah de todos os seres!

Ninguem, canta a melodiosa harpa, deixará de entender a voz universal das estrellas e dos céos! ninguem deixará de ler seu nome escripto no firmamento com o raio da tempestade e com a luz do espaço!

O dia com sua luz do céu, succedendo-se ao outro dia, é uma nota rapida, mas vibrante, d'esse cantico, que nos diz uma duração illimitada, a que damos o nome quasi incomprehensivel da eternidade!

A mesma noite tempestuosa; a mesma noite, em que tudo é trevas, tumultuar dos elementos, confusão e desordem; essa noite, em que parece que o genio da tempestade, surgido do seio dos mares, lucha com as arvores, que têm vencido seculos, e as derruba por terra, mostra-nos o que seria o cahos antes da luz romper o manto negro das trevas, que enchiam o espaço!

O espirito superior, as almas sublimes levantam um vôo ao infinito, vêem das alturas este globo, em que habitamos, mais uma pequena esphera suspensa na amplidão dos céos, levantam a voz ao alto, e exclamam ao som melodioso e divino do psalterio da Biblia: «Senhor, soberano Deos, admiravel é o teu nome na terra, nos céos, obra de teus dedos, na lua e nas estrellas, que creaste. Tudo sujeitaste ao teu dominio, os seres da terra, as aves do céu e os peixes, que

brincam debaixo da face enraivecida do oceano! coroaste de gloria o anjo da terra.

Oh! quão admiravel é o teu nome desde a tua gloria ao fundo dos abysmos!»

Embora esses, que o espirito irreflectido da mocidade, ou mal inclinada, ou demasiadamente superficial, chama os profundos pensadores do seculo, levantam com escarneo aos olhos do mundo toda a Biblia, o grande livro da humanidade toda, não fazem calar aquella voz, que, erguida no passado, ha de soar eternamente sobre todas as gerações, como a sentença de ignominia e de maldição sobre o coração do insensato!

«As suas palavras são o veneno das aspides debaixo de seus labios.

Sua boca está cheia de maldição e de amargura; afflicção e calamidade na peregrinação da vida d'elles, não conhecem o caminho da paz.

Despresivel e impotente é Deus diante de seus olhos.»

É esta a voz, que vem echoando de seculo em seculo, proferida por David naquellas melodias hebraicas, sublimes e sempre divinas em todas as epochas!

É a espada erguida sempre contra a malvez do atheo, prejudicial em suas palavras e profundamente despresivel em seus baixos sentimentos.

Abramos todas as paginas da Biblia antiga, sigamos os psalmos, os livros de Job, de Isaias, Ezequiel e todos os prophetas, e havemos de curvar a fronte com justiça diante

d'aquella magestosa grandeza, d'aquella expansão sublime do espirito para Deus, cheia de fogo e d'uma poesia, que nem egualaram os poetas antigos, nem os modernos.

Os gregos e todos os povos d'essa remota antiguidade olharam para sua consciencia psychologica, sujeitaram os factos do mundo externo aos principios eternos da racionalidade, sentiam uma aspiração illimitada, que nada saptis-fazia no mundo, e de prompto se curvaram a um Ser Poderoso, unico centro attractivo dos espiritos, como o sol, esse fogo representativo da Providencia, é a força, que arrasta para si o mundo, que domina.

Observaram os objectos differentes, e distinguiam-nos pela comparação. Mas a comparação demanda um juiz superior, que decida. D'aqui o principio, reconhecido em todas as epochas, da espiritualidade da alma; e do principio absoluto da causalidade, que nos arrasta irresistivelmente para Deus, formaram uma ideia, mais ou menos perfeita, do absoluto e do infinito.

Nasceu depois o Jupiter do Olympto, o Orsmus do Iran, o Cnef e Osiris do antigo Egypto; e do dogma da espiritualidade e immortalidade da alma, estenderam-se nas entrannhas da terra os jardins verdejantes dos Elysios, e as prisões eternas de Plutão.

Mas procure-se outra religião que eguale a religião de Job, de Moyses, de David, de Salomão e de Ezequiel, e será um procurar louco.

Aqui vemos o genio altivo e profundo do philosopho, e

do poeta sublime. Deus não é a concepção lugubre das trevas incognitas dos Egypcios, o Cnef, a obscuridade impenetravel; é o Jehovah,— o que foi, o que é, e ha de ser — sol de gloria, grandiosa Providencia, que domina o Universo, e que estende a sua mão sobre as trevas para logo raiar a luz, povoarem o vasio incomprehensivel milhões de espheras de fogo, que fallam a linguagem universal do poder de Deus!

É como o concebeu Moyses, David e esse povo de Israel, que via no raiar da aurora a imagem de Deus no *fat lux*: na columna de fogo a união sacrosancta do céu e da terra; nas estrellas do céu o magestoso livro de fogo universal, irradiando para as extremidades dos mundos; e no sol a imagem representativa de seu throno, de sua gloria e de sua magestade!

É Deus sempre o sol, levantando-se radiante sobre o horisonte!

Quem desconhece a grandeza dos sublimes cantos da Escripura Judaica; quem lê, uma vez, as altivezas dos Psalmos, a magnificencia de Isaias, Jeremias e Esequiel, e não ouve alguma coisa do céu em todas aquellas sublimidades hebraicas; quem ridiculisa, profanando, o monumento mais

admiravel da antiguidade, ou é mal inclinado por natureza, ou lhe faltam as azas para subir até onde nos levam as concepções inspiradas dos Prophetas do Oriente!

Aquelle que olha para a abobada celeste, que nem repara na magestade e na harmonia de tantas espheras accesas no firmamento, ouvirá, acaso, essa linguagem universal, que se ouve não só na terra, senão no sol e em todos os mundos, que vão rolando na infinidade dos espaços?

Não! não vê que de trás das estrellas fulguram estrellas; que além do espaço — esse templo immenso de Deus — está o infinito e em tudo a Providencia!

A noite com suas estrellas, fulgurando na abobada celeste, bella, profunda, infinita, tem para as almas positivas o mesmo encanto que a noite escura pelas nuvens!

O céu da Biblia nem para todos é limpido e brilhante; está vedado a muitos com um véo escuro. Só as almas contemplativas podem alar-se até ás divinas altivezas do genio hebraico.

Michelet acha bello esse maravilhoso monumento, que ha de sempre engrandecer esses seculos do passado, mas aridas e sêccas as praias do mar Morto, pequeno e mephytico o ar de Jerusalem, e sequiosa a humanidade no meio do deserto, juncto ás aguas amaldiçoadas do lago Asphaltite.

Mostra-nos, depois, um céu mais fundo, horisontes mais largos; e a Ramayana é um mundo em troca de Jerusalem; as palmeiras da India mais erguidas que os cedros do Libano.

A Biblia tem para elle a belleza e o perigo da noite.

Se Michelet não achasse tenebrosa a Escriptura Judaica, se olhasse, como devia, para a epopeia de Rama, deveria dizer da Biblia antiga : «Vierges, enfants, venez, et prenez hardiment les Bibles de lumière. Tout y est salubre e trespur.»

Mas elle achou a Biblia tenebrosa e perigosa como a a noite. Deslumbraram-no as magestosas transfigurações de Vichnou em peixe, em tartaruga, em porco, e espera ainda pelo exterminador Kalki, cavallo gigante, que ha de com uma patada reduzir o mundo a pó e a nada. Ao Ser Creador do Genesis oppõe uma divindade superior na serpente Adisecha ou Ananta de figura disforme, dormindo e fluctuando no Narayana, ou mar primordial, durante as pequenas destruições do mundo!!

Eis a religião cantada por Valmiky, coévo de Moyses, e divinizada por Michelet por milhares de francos.

Será de grande valor a Ramayna, como epopêa, mas a religião é pueril, ridicula e digna de todo o desprezo.

Tenho feito estas digressões por ter visto alguém collocar muito acima da religião da cruz a phantastica religião dos Indos, e por ver que o espirito, que inspira o desprezo das sanctas e sublimes instituições do Christianismo, tem-se deixado ir nas azas das feiticeiras a mundos e mares extraordinarios.

Sim, aqui em Coimbra assentou-se esse velho incompreensivel a vender luz em estylo escuro e mergulhar-nos

nas aguas do Ganges para nos alliviar do céo arido, quente e suffocador de Jerusalém.

Está-nos ensinando a rir das crendices de Chateaubriand, como diz o sr. Camillo Castello-Branco.

A seus amadores, sim, e aos que nem sabem que elle existe, é que tenho ouvido cantar as ultimas series do sr. Herculano; sem, nem ao menos, na generalidade, terem lido uma só linha d'estes escriptos ultimos.

Depois da religião de Israel apparece Christo, reforma a religião antiga, e ao que era só compativel com as circumstancias especiaes do povo hebreu, substituiu principios inalteraveis em todas as epochas, ensinando uma doutrina magestosa e divina, e que tem feito curvar de admiração profunda os maiores homens de todas as epochas, como Newton, Pascal, Leibnitz, e tantos outros, que mostram que o homem é na criação a imagem brilhante e gloriosa de um Deus universal! homens, que se não envergonham de curvarem-se diante da cruz, symbolo da mysteriosa redempção pelo martyrio!

E será Jesus Christo, esse bello mancebo de cabellos ondados, esse admiravel e virtuoso homem, que se esconde na solidão para chorar os males e soffrimentos da humanidade, a mysteriosa incarnação de Jehovah, ou apenas

um sublime philosopho, victima de seu amor pela luz, pela virtude, e pela gloriosa civilisação da humanidade toda?

Oh! se Jesus Christo não é Deus, eu curvo-me diante do homem admiravel, sublime e extraordinario, que offerece a fronte aos ferros do martyrio sem um gemido, nem maldição; que estende os braços sobre a cruz, e entre sangue e lagrimas diz com mansidão e paciencia incompreensíveis: — Eis a victima para uma religião de luz, de amor e de liberdade!

Gloria a este homem, que assombrou o proprio Eterno na harmonia de suas espheras de fogo!

Se o homem é o anjo coroado de honra e de gloria, a imagem de Deus pela intelligencia e pelo espirito, será vergonha adorar esse homem, nascido na pobreza, «que não tinha onde reclinar a fronte, quando as raposas têm covas, e ninhos as aves do céu?»

Será demencia adorar esse PEQUENINO, nascido para nós, que subiu ao throno do imperio da civilisação e da luz, previsto e adorado seculos antes por um homem extraordinario, com os nomes de Admiravel, Forte, Pae do seculo futuro e Principe da paz?

Quero ter a loucura de prestar homenagem ao Pae do seculo futuro de Isaias, ao Deus do Christianismo, e ao Principe da paz e da civilisação moderna.

E que magnifica e arrebatadora é a sua doutrina, que nos ensina a caridade no silencio, não para ostentação pública, mas para allivio da desgraça e consolação da consciencia!

Será superstição adorar este homem extraordinario; mas confesso que me curvo diante das paginas do Evangelho, porque nada tenho lido tão profundo, tão magestoso e tão divino.

Se Jesus não é Deus, eu adoro-o como ao Ser Supremo; adoro esse homem, infinitamente mais util ao organismo social que o proprio Deus na sua indiferença para com o lidar do homem neste globo, entregue ao seu proprio destino, sem o amparo do céu !

Esse homem, nascido entre os rochedos de Bethlehem, sobe ao cimo do monte. Por um mysterioso impulso seguem-n'ó alguns homens, que elle reúne em volta de si; ensina-lhes aquella magestosa doutrina do Evangelho diante de grande multidão de gente, e diz-lhe: — respandeça a vossa luz diante dos homens! ensinae ao mundo nesta doutrina a glorificar vosso Pae, que está nos céos !

Onde existe um poema, que cante um heroe tão admiravel, que, depois de proferir no cimo do monte os mais sublimes sentimentos de um coração virtuoso, entra numa pequena barca com os Apostolos da luz, cahê prostrado de cansaço e de fadiga, dormindo sobre as ondas tempestuosas do mar de Teberiadé?

O vento encrespava as aguas; a barca submergia-se; a tempestade tinha cahido sobre Teberiadé; os homens do mar empaldeciam diante da bravura das ondas e da furia do vento; e elle entretanto dormia!.... dormia com a placidez da virtude !

Levanta-se á voz dos que recorriam ao seu poder, estende a mão sobre as aguas, e seguiu-se um céu limpido, um mar de bonança, á furiosa lucta da tempestade!

Gloria ao homem extraordinario, que da desordem, da lucta e das trevas, tirou a harmonia, a paz e a luz!

Mas o genio profundo de Isaias tinha antevisto na sua visão sobre Judá e Jerusalem, que se havia de justificar o impio, ao justo negar o seu direito, e que haviam de blasphemar do Sancto de Israel.

A visão cumpriu-se. Esse Principe dos seculos futuros, esse Sancto de Israel, ou esse homem das almas positivas, expira martyr de sua doutrina entre maldição, ignominia, dor e angustia, para raiar do alto do Golgotha a estrella da cruz, o sol da redempção universal pela resignação, paz, amor fraternal, e paciencia no soffrimento!

Expira no martyrio, e na hora do seu passamento a luz da criação apagou-se, ficando tudo envolvido em trevas e lucto! a natureza tremeu em todos os pontos do espaço, o sol no seu fulgor eterno, e Deus viu vacillar a sua criação na extrema dor de um martyr da luz!

Quem era, pois, esse homem admiravel, incomprehen-sivel, que fez tremer por um momento a solidez da terra e a profunda harmonia do céu?

Quem era esse homem, levantado do tumulo, e subindo em glorioso triumpho ao seio da Providencia?

Seria uma mysteriosa encarnação de Deus no rei da criação, no anjo coroado de honra e de gloria?

Era a Providencia identificada na sua imagem intelligente sobre a face da terra !

A moral do Evangelho é a lei universal da humanidade. Altea-se um genio num seculo, mira no alto uma luz vivificadora, e pretende rasgar o véo, que envolvia, como nas trevas e no gelo da Siberia, a humanidade, que aspira ao sol da redempção e ao calor do progresso !

Surge dos mares o genio altivo de Bonaparte ; com a espada sobre o mundo, como o genio da tempestade, derriba as instituições velhas dos povos, içando-se nas praças e nos castellos a bandeira da civilisação, ensopada em sangue de uma guerra fratricida ! bandeira vermelha, salvada, entre lagrimas e hymnos, por milhares de tiros do canhão, e pelo clioro horrivel do inferno das nações !

Napoleão era a reacção do seculo XIX, activo, grande, livre, contra a indolencia, somno e escuridão, dos seculos anteriores.

Mas era o anjo de gloria e de exterminio, que desde o Occidente da Asia até ao extremo da Europa, a celeste Cintra, extendia suas azas de fogo. Quiz viver pela guerra ; quiz reformar a humanidade pelo ferro e pelo sangue ; mas o ferro desafia o punhal e a espada ; o roubo incita á rapina e á desordem, e a lei da Providencia executa-se — tudo o que vem pela guerra, pela guerra ha de voltar.

Na sua ambição infinita esqueceu-se de uma lei immutavel escripta 1800 annos antes da sua existencia. Os principios fraternaes do Evangelho deviam ser a norma d'este grande genio. Seguiu um caminho opposto na direcção, que deu ao mundo moderno. Foi a fatalidade de uma epocha!

Fatalidade de gloria no dominio do mundo, e fatalidade do soffrimento num rochedo do Oceano!

A aguia, que fita o brilhantismo do sol; que quer medir com suas azas o céu e a terra; que, pelo instincto da realeza, sóbe ás alturas para dominar a criação; se cahir deslumbrada pela luz dos astros, que não se prenda em escuro espaço a realeza dos ares!

Contemple ao menos o infinito espaço do céu, sua patria!

A Providencia ao anjo cahido de seu throno de gloria deu um exilio no meio do Oceano, nos rochedos de Sancta Helena, onde a alma de Bonaparte podia estender-se sobre a face immensa das aguas, e mergulhar-se no infinito espaço dos céos, que tinha sobre a frente!

Admira-se este homem altivo, que regando a terra de sangue fez germinar o mundo moderno, e com a espada na mão apontou a civilização e outro destino a este seculo.

As instituições velhas, abaladas já pela revolução anterior da França, derrubaram-se, e foram-lhes substituidas outras reclamadas pela sciencia e pela influencia superior dos tempos.

Mas o que ficou de pé, o que existia, e ha de seguir a

existencia do mundo, foi a lei moral da natureza, o amor da humanidade.

A Aguia da França fixou com orgulho este sol erguido ao Zenith, e cahiu deslumbrada no meio das ondas.

A moral do Evangelho é a lei universal da humanidade, inalteravel no meio de todas as reformas das instituições sociaes dos povos; cada geração escreve no grande codigo das leis um artigo, reclamado pelas necessidades d'essa epocha, que amplia a lei anterior, ou a revoga. É sempre uma luz nova, que se accende no céu de um paiz; mas a lei de Jesu Christo permanece sempre, como um verso do céu.

As instituições sociaes alteram-se nas leis com sua força fatal; e nas ideias predominantes dos grandes homens d'essa epocha, que hão de amaldiçoar e fazer cair o cadafalso, embora defendido por milhares de bayonetas!

Mas o apostolado do Christianismo, as doutrinas do grande Paulo, hão de assombrar a gloria dos homens, exceder as instituições civis, que se limitam ao mundo, para nos abrirem o céu de uma eternidade gloriosa!

Appliquemos agora estas verdades, traçadas muito por alto em considerações geraes.

As doutrinas do Deus martyr não foram só para os filhos de Jerusalem; o martyrio de Jesus Christo foi a redempção da humanidade toda; era urgente, pois, que se espalhasse pelo mundo todo quem falasse na lingoagem da caridade, á imitação de Christo, as instrucções e doutrinas, leis e virtudes do Principe da luz de Isaias:

D'aqui a origem do apostolado, a necessidade do culto externo, e a razão fundamental do Catholicismo.

Que seria das sublimes verdades do Evangelho, se houvesse apenas a lei christã, sem o ministro, que pela caridade, pelo amor, pela instrucção e pelo exemplo a levasse a toda a humanidade, para quem foi feita?

Um codigo civil, por exemplo, embora fosse escripto pela mão de Deus, se não tivesse uma applicação práctica na vida social, seria, sim, de uma veneração profunda, como lei divina, mas sem utilidade e sem interesse para ninguem.

Esse povo, que despresasse essa lei divina, não se elevaria, de certo, acima do que vive na ignorancia e debaixo do pêsso de uma legislação bárbara.

Uma lei benefica demanda a auctoridade, que a faça respeitar para a felicidade pública. Seria de contrario um contra-senso.

Por consequencia desconhecer a necessidade da Igreja, negar sua instituição divina, é não só ignorar os principios mais rudimentares da logica, se não tambem pensar que Deus viria dar-nos a moral sancta do Evangelho á custa do martyrio, para o curto espaço de sua vida.

É ignorar os profundos escriptos de S. Paulo aos povos do mundo, a catechése de todo o apostolado.

Os Actos dos Apostolos no capitulo segundo levam á evidencia que os discipulos de Christo deviam levar ao mundo todas as verdades, que tinham aprendido do Martyr do Calvario.

A superioridade de Pedro é a base fundamental, a ra-

zão de ser do representante de Deus na universalidade da igreja.

Só, por tanto, o homem embrutecido, ou inflammado por um odio incomprehensivel, pôde exaltar o protestantismo, como harmonisado com a liberdade e com a razão, mais que o catholicismo.

Não se comprehende, pois, que, sendo evidente que os corpos legislativos têm de alterar a legislação antiga, seguindo as necessidades das epochas, queira alguém argumentar das leis anteriores e da sua reforma, para a pouca firmeza do legislador, e espirito de devassidão, que o domina.

Essas leis dos concilios, esses dogmas da Igreja Romana, têm sido de maior utilidade social, que as theorias dos publicistas, ou que os discursos os mais profundos dos mesmos oradores sagrados.

Ora, como imaginará o sr. Herculano, que possa haver uma assembleia legislativa, onde ha forçosamente opiniões encontradas, sem discussão renhida, e de mais a mais em decisões momentosas, e de grandes responsabilidades pela rapidez da reforma?

Imaginaria elle, que os legisladores de Trento, apenas reunidos na assembleia da discussão, tivessem todos um pensar unico, e se casassem todas as ideias, todas as vontades, e todas as intelligencias?

Para que escarnecer da decisão, só porque durante a discussão houve calor demasiado e luctas renhidas?

Esta argumentação é filha da ignorancia ou da má fé?

Todo o que professa o catholicismo tem obrigação de se curvar á lei ultima dos concilios, sem que a energia da discussão deva diminuir a crença e o respeito.

Porque uma lei portugueza tivesse sido muito questionada, e tivesse dado logar a um debate energico no parlamento, poderia alguém pôr em dúvida a sua legalidade?

Para que, pois, o sr. Herculano, pela lucta entre os legisladores de Trento, duvida da intervenção divina na decisão final dos concilios?

Certamente que se não viu ainda argumentação assim.

Veja-se a primeira parte da segunda serie sobre o casamento civil do sr. A. Herculano. Historia alli as contendas, que houve durante os primeiros annos do concilio de Trento, sobre a annullação do casamento clandestino; e da lucta de tantas opiniões encontradas sobre tal doutrina, narrada por Palavicino, duvida da inspiração divina na decisão do decreto canonico; sem ver que entre tantos era forçoso haver opiniões diversas e oppostas, embora fosse verdadeira a decisão final.

Durante as sessões da commissão revisora não haveria discussões acaloradas sobre este ou aquelle artigo do Código civil? E lembrou-se alguém de pensar que a inconveniencia do casamento civil veio dos debates entre os membros da commissão?

Certamente é uma argumentação original a do sr. Herculano.

Aquella allusão ao extremo cuidado de Roma sobre o castello de S. Angelo, é a mais evidente prova do odio e

rancor ao catholicismo ; odio votado nas trevas, que não tem a franqueza de manifestar em voz alta.

Seria, acaso, conveniente que se patenteassem ao publico todos os debates e os mais numerosos trabalhos do concilio de Trento? Que interessava o catholicismo com isso?

Seria, por ventura, conveniente que os trabalhos, as discussões, as especialidades até da commissão revisora viessem annexas ao resultado final de tanta questão? Tem-se visto o projecto do Codigo da commissão revisora, e creio que não se viu ainda lá senão a ultima decisão d'ella, organizada em artigos.

Se se gritasse — Sala das sessões, sala das sessões,— o que dirias tu se fallasses!... não seria um gritar desvairado?

A obrigação de todo o que professa a religião christã é prestar obdiencia aos Concilios da Igreja em objecto dogmatico e doutrina sacramental; e não lhe é dado ir, com a paixão na frente, pôr em dúvida a intervenção celeste, porque houvesse uma discussão acalorada durante o Concilio.

A lei mais justa, a mais reclamada pelas necessidades da epocha, porque foi debatida num parlamento, nem por isso deixa de ser uma lei necessaria e util.

Uma das leis portuguezas, a mais justa, mais necessaria, e perfeitamente a traducção da philosophia do direito, é a lei da desvinculação. Deu logar a grandes questões no corpo legislativo; e louco seria quem d'ahi quizesse deduzir a sua injustiça e illegalidade.

Admira, pois, que uma alma grande, como a do sr. A. Herculano, não comprehendesse a grandeza da ideia pelo facto de ser combatida e defendida com energia.

A primeira parte da segunda serie dos estudos sobre o casamento civil do sr. Herculano vem escandecida por um fogo tão apaixonado, que aquelle character serio e imparcial de historiador deveria arrepender-se de escrever o que desacreditava mèsmo o menos iniciado nas narrações historicas e na apreciação pacifica e intelligente dos factos. A philosophia da historia está mais no alto!....

Compreende-se que se diga da justiça, da valia, da utilidade práctica de uma lei, ou que se não vejam estas qualidades e que se rejeite como prejudicial. O legislador tem diante dos olhos os principios universaes e eternos do direito, tem demais o quadro da civilisação da epocha, as circumstancias do povo para quem se legisla; tem a historia, o espelho das gerações passadas, e tem a instituição prophetica do futuro; tem, pois, um livro immenso, onde póde estudar a lei mais justa, mais util, racional, providencial e reflectida.

Harmonise com essas normas a disposição, que tem de ser uma lei; mas recuar ao passado para profanar as instituições mais sanctas, mais uteis ao progresso e a toda a sociedade, não se comprehende; e chamar-se-ha a isto ignorancia, para se não chamar perversidade.

Exaggerar a doutrina do Evangelho, pura, simples e social; levar muito alem os dogmas e preceitos do catholicismo para nos collocarmos em antagonismo com o pro-

gresso e civilização verdadeira, é fanatismo desprezível e abominável. Os horrores da inquisição abominam-se, e no vasto cemiterio do passado levantou-se-lhe um tumulo de maldição! A historia escreveu em paginas de lucto a barbaridade e ignorancia d'essas epochas, e a philosophia cobriu-as de uma maldição eterna.

E quem tentasse levantar a pedra tumular, que cobre o cadaver maldito do Sancto Officio, para reviver o espectro de amarellos dentes, rangendo de ira, seria reaccionario, um monstro das trevas, um demonio, inimigo dos raios da luz do céu!

Mas será fanatismo, será reacção, erguer um brado contra a profanação do que ha mais sancto ao homem — a crença, a religião, a vida d'alem e Deus?

Fulmine-se o que é digno da sentença de destruição. Erga-se o cadaver do suppliciado, e suspenda-se ao escarneo e abominação geral no pelourinho d'uma praça publica.

Mas não se faça o innocente Abel martyr da perversidade de Caim.

É a malvadez, é o rancor do tigre, que domina. O homem, que, sem discrição, chama reaccionario ao mais sensato, e muitas vezes mais liberal em suas crenças, deixae-o passar, que leva comsigo o vandalismo do norte!

O seu galardão, o hymno da victoria, não se canta em verso ou prosa apaixonada.

Se não fôr o futuro, pelo menos as almas superiores perguntarão:—«qual o ideal supremo d'este defensor das liberdades intimas?»

E encontrarão a resposta: — «é a vaidade, o orgulho e o ideal de Goliath.»

O sr. Hereulano devia fugir de pertencer ao apostolado despresível de grande numero da imprensa periodica de Portugal.

Fallar em liberdade, e não comprehendel-a; fallar em progresso, e estar sepultado na escuridão; fallar em dignidade e honra, e desconhecer na vida publica esta gloria da alma; sonhar sempre com a felicidade da patria, e cravar-lhe no coração punhaladas de assassino: eis a sciencia, e politica de grande parte do jornalismo portuguez!

Não é liberdade, porque é prejudicial á marcha regular da sociedade, essa linguagem de vergonha profunda, só por um despeito partidario, contra os poderes superiores, atacando-os na dignidade mais intima. Se isso é liberdade, é uma liberdade como de tufão, que varre tudo por onde passa. É a liberdade do anjo das trevas!

O progresso é um degráu avançado da humanidade para a luz, poupando afflicção ao desterro e á desgraça: e amar a felicidade publica não é, de certo, interpor-se entre o ministro e a acção governamental, para proclamar-o ladrão e infame, intorpecendo assim os passos todos do movimento social.

Não é liberdade apontar com o dedo para as pessoas mais respeitáveis do nosso paiz, e gritar como possessós: — Lá entram dois reaccionarios para os conselhos da corôa!

Fugi do contacto d'esses inquisitoriaes! Estamos na epocha da devassidão moral!

Esta liberdade é vergonhosa, aviltante, prejudicial á felicidade publica e profundamente despresivel.

É esta a liberdade de grande numero da imprensa periodica, é a liberdade do *Portuguez* na apreciação dos srs. Casal Ribeiro e Martens Ferrão na sua entrada para os conselhos da corôa.

Que crime têm commettido estes homens respeitáveis? sera o de defender em nome da liberdade o que tão harmonizado está com ella?

O ideal dos espiritos superiores não é o despeito e uma vingança! se os garotos das praças não vêem outro horizonte e espaço que o campo do pugilato, o sr. A. Herculano não deve pertencer a este exercito chasqueador e mortifero.

É, acaso, liberdade e progresso o cobrir de ignominia os homens mais eminentes, habilitados para dirigir os negocios publicos, só por um despeito faccioso?

Isto é que é devassidão; é a reacção da impiedade!

O sr. Herculano espanta-se ao mais pequeno movimento; o mais pequeno tremor de terra parece-lhe o annuncio das dôres de parto do globo d'algum monstro da inquisição; o roncar do trovão affigura-se-lhe o brado do selvagem; e os pinheiros da collina um côro de condemnados ao inferno!

E depois, vê reacção em tudo; e chama reaccionario a todos indistinctamente.

Sabido, um momento, que a religião é necessaria; que de todas a religião christã é a mais social, liberal e divina; que o catholicismo é forçadamente necessario: como classificar-se o escriptor, que vai profanar o que ha mais justo e venerando nas instituições do catholicismo?

O legislador não deve contemporisar com um capricho ou desvairamento particular; as normas da lei são mais sublimes: como, pois entender-se que se queira compor uma lei á vontade d'algum marujo inglez?

O amor, diz Bernardin de Saint-Pierre, só chega a ser virtude pelo matrimonio.

E a missão do legislador é harmonisar a lei com a virtude, com a moral, com a justiça, com a liberdade social, e nunca modelal-a pela vontade individual ou pelo desvairamento de quem queira separar-se do gremio da igreja.

A sciencia philosophica do direito não conhece outra luz que o fulgir do principio eterno do justo e do bello; e esta mesma sciencia, harmonisada com a moral, com a historia, com as circumstancias especiaes d'uma epocha, reage e luta com energia contra os reformadores irreflectidos e nunca

liberaes, que muitas vezes ahi nos apparecem com miras de prophetas.

A verdade nasce entre os povos livres; Deus foi adorado pelo povo da Grecia, esclarecido e libertado; pelo povo de Israel, solto dos tyrannos do Nilo; nunca pelos escravos de Nero, pelas cidades de Memplis, Roma e Babylonia — cidades escravas da idolatria e do opprobrio.

Ha tambem ao lado da reacção da sciencia a reacção da liberdade!

Esta questão social do casamento secular foi o sol que illuminou o campo da batalha, e que discriminou os dois exercitos estendidos no valle de Terebintho.

Os Philistheus esperaram a victoria no gigante de Geth; mas a força collossal do gigante da beira-mar cahiu um dia debaixo da mão fragil do pastor de Bethlehem.

Foi a reacção de Deus contra a força e orgulho altivo do gigante Goliath....

Esperamos que no parlamento se apresente o David, que derribe o colosso de Geth na frente dos Philistheus, estendidos neste valle de Terebintho!

## II

Entremos nesta segunda parte na analyse directa da questão, que se tem debatido com tanto vigor, e digamos duas palavras sobre o casamento civil. O sr. Herculano, vindo á imprensa defender o contracto conjugal, confessou que motivos bem estranhos a interesses puramente seus o obrigavam a escrever sobre este objecto; e numa defesa do contracto, magistralmente elaborada, pasmou da opposição, que encontrava o projecto nas praças, nos cafés, na religião do clero, na religião do povo, emfim na consciencia da nação, que é o sanctuario da opinião publica.

Admirou-se de que o povo se não ajunctasse em massa em volta da Commissão Revisora do Codigo para agradecer-lhe, de joelhos no chão, os esforços d'ella para o progresso e civilização da patria.

O desprezo dos trabalhos da Commissão era só digno d'um paiz de selvagens, disse s. ex.<sup>a</sup>

Chegámos, pois, á razão, que me levou á escripta.

Esta, porque do fundo de meu coração fui sempre contra tal projecto, e outra razão d'orgulho foi estimulo para isso.

Pediram-me que assignasse contra o projecto; assenti ao

pedido, mas não queria que lessem o meu nome como tendo sido escripto automaticamente; aqui vai, pois, um protesto solemne de minha consciencia.

Sou cidadão portuguez; e se sou rapaz ainda, se não posso regenerar o meu paiz com idéas de tanto alcance como s. ex.<sup>a</sup>, não prézo por isso menos o seu engrandecimento.

Tinha, desde a apparição do projecto, bem no fundo da alma, um brado contra a profanação d'uma crença do povo, toda de poesia, que não estorva a marcha do seculo.

Mas desde o momento em que li que o sr. Herculano chamava selvagens aos que não acceitavam de bom rosto o projecto, quiz repellir o epitheto colectivo, que s. ex.<sup>a</sup> as-sentava sobre mim.

Não desconheço os immensos serviços do sr. A. Herculano e de seus collegas na revisão doCodigo; mas permit-ta-me s. ex.<sup>a</sup> que lhe diga, com a franqueza da mocidade e sem faltar á decencia, que foi demasiadamente injusto para com seus adversarios na questão do casamento.

O apanagio dos tempos modernos é a liberdade de consciencia, é a liberdade da crença, é a liberdade de pensar, que é, como s. ex.<sup>a</sup> diz, o artigo mais sancto do credo liberal.

Muito bem! se o sr. A. Herculano assim pensa, porque não perdôa á direcção da intelligencia dos outros, e para que ha de amarrar uns ao obscurantismo do passado, e collocar sobre a sua frente o diadema dos apóstolos illuminados do futuro?

Elle me perdôe de ter-lhe exigido uma resposta; diri-

gi-me a s. ex.<sup>a</sup> porque o venerei como um dos pensadores mais profundos do meu paiz, e um dos poetas mais inspirados; á intelligencia do philosopho, ao coração do poeta se dirigiram estas poucas linhas.

Mas escrever na actualidade, em que a palavra liberdade é para todos um nome, que encanta ; levantar a voz contra o delirio irreflectido, fóra do dever e do senso, bem sei que é loucura, que reclama desprezo, e lido será tudo com escarneo e commiserção talvez.

Mas que importa ?

Console-se-nos a alma de expandir-se tal como pensa, e ser livre em manifestar-se como raciocina.

Para uma alma energica, para um espirito altivo, a maldição de todos é menos que a voz da consciencia ! A crença, a religião, a poesia do dogma, a philosophia da sanctificação do amor, é o sentimento, que acho no fundo da consciencia, onde tem vindo echoar a voz de grandes escriptores, que têm profundado o poder do estado e o poder de Roma.

Que nos acompanhe pelo menos a nobreza de sentimentos.

Antes de entrar, porém, na analyse d'esta questão, debatida na imprensa em face da nação toda, a voz da consciencia impõe-me o dever de prestar homenagem á liberdade universal, aos doces vinculos, que tem prêso ao seu culto o mundo civilizado.

Digamos isto bem alto, para que ninguem ouse olhar-

nos inimigo das idéas do seculo, que sejam a virtude da civilização moderna.

Os concilios da igreja, os Apostolos da religião de Christo, os entusiastas da razão pura, assemelham-se-nos um parlamento sonoro e publico, onde têm discutido, uns com os olhos fitos no céo, outros com a mão sobre a consciencia nervosa do seculo, este importante acto da vida humana, que se chama união conjugal.

Após a lucta, deve a lei regularisar a victoria.

Eis o que se espera com anciedade, sem se saber ainda se o golpe cae sobre a direita ou esquerda da balança.

Tenho pensado, se a união á mulher deve ser a traducção immediata do instincto, da attracção reciproca dos dous seres, ou se se deve legitunar esta tendencia, esse primeiro elemento das nações, com formulas mais sublimes e venerandas.

O sentimento responde: o nosso coração, que tem uma tendencia para tudo quanto é infinito e grande, para tudo o que tem o cunho de mysterioso e divino, exulta na sanctificação d'essa tendencia dos dois seres, tendo Deus por ultimum de sua aspiração!

Custa a crer que s. ex.<sup>a</sup>, que tem lido na face bella da natureza, na magestade dos mares, na harmonia das estrellas, na mudez do céo, na profundeza do infinito, alguma cousa superior ao tempo, ás leis phisicas e á nossa natureza material, que nos eleva á nossa immortalidade, a tendencia para o Ser Supremo, descesse hoje a prestar home-

nagem a uma philosophia austera, árida, sem nenhuma vantagem social, e demais em desharmonia com uma crença innocente do povo.

Não se receie a profanação do catholicismo porque alguém possa contrahir o matrimonio só como uma formula imposta pela lei, sem fé, nem crença no sacramento.

Será, por ventura, o espirito religioso, o grande esmero que ha no sr. Herculano pela dignidade da religião, que o tenha em sobresalto pela possibilidade de haver um sacrilegio?

Se assim é, veja s. ex.<sup>a</sup> se evangelisa a humanidade, se a vincula toda ao martyrio do Golgotha, e então terá em nada a difficuldade, que receia.

Pois hão de fechar-se os templos á devoção dos crentes, só porque haja o facto sacrilego de se ajoelhar perante a hostia sagrada o que despreze a intenção de piedade, e seja religioso só aos olhos do publico?

Absurdo.

Ha de partir-se a haste da cruz, levantada no ermo, porque o viajero, que passa, ri e escarnece d'este symbolo triste da redempção universal?

Absurdo e profanação.

Se é certo que se póde obrigar a contrahir o sacramento do matrimonio a algum portuguez, que não professes o catholicismo: se é certo que para a lei lhe reconhecer o casamento é preciso que elle force a consciencia, sujeitando-se ao rigor das formulas, nem por isso se estorva a civilisação, ou se coareta a liberdade bem entendida.

Todos sabem muito bem que qualquer membro d'uma corporação politica, para ser cidadão pacifico, tem de renunciar a parte da sua liberdade, e sacrificar-a á ordem e exigencias sociaes. E senão, para que se não brada contra a obrigação, imposta pela lei, de todo o mancebo servir a patria por um certo tempo? não será isto uma obrigação tyrannica?

Pois bem. Se é forçar a consciencia do que quer contrahir o casamento o impor-lhe a obrigação do sacramento do matrimonio, então risquem-se de toda a legislação todas as obrigações, que prendam a maxima expansão da liberdade individual. Sejamos ao menos coherentes.

Mas perguntar-se-ha: que interessa a religião, que dous individuos vão, só por formalidade, aos pés do sacerdote, sem crença alguma no mysterio do acto?

Não é forçar-os a um sacrilegio? pergunta s. ex.<sup>a</sup>

Ainda bem que chegámos a um ponto, em que estamos de acôrdo.

O sr. Herculano teme que se obriguem esses individuos a um crime aos olhos de Deus; e para livral-os d'essa infelicidade vai abrir-lhes a porta para outro crime. Manifesta uma dedicação pelo catholicismo, não querendo que se commetta o crime do sacrilegio! E como catholico, esquece-se de que as leis da egreja reconhecem, como um peccado mortal, o que viver com mulher sem a intervenção religiosa?

De duas uma — ou havemos de ser catholicos sinceros, ou não.

Na primeira hypothese, não se envergonhe elle de curvar-se, e dizer que o projecto era absurdo e irreligioso.

Na segunda, para que havemos de temer pela dignidade da religião, offendida no acto sacrilego? neste caso esta solemnidade na igreja não tem nada que ver com o mysterioso; não é mais que uma formalidade, pela qual a lei legitima a união dos esposos. Por tanto, não variámos de lei, mudámos as formulas; mas o acto na essencia é o mesmo.

Ora, pergunto eu: á vista d'isto, que empenho tem s. ex.<sup>a</sup> em que seja reconhecido pela lei o contracto civil?

Não se comprehende.

Mas, pergunta s. ex.<sup>a</sup>: que interessa á religião, que contráia o sacramento do matrimonio, aquelle que no intimo da consciencia despreza a religião que o sanctifica? a lei, que legitima esta união será blasphema?

É facil responder á pergunta; intuitiva é tambem a falsidade da conclusão, que o sr. Herculano tira d'a lei ser geral para todos sem distincção de crença.

A religião de certo que nada interessa, senão no culto externo; mas o que interessa é que a lei, querendo remediar uma profanação d'um dogma, não seja tão absurda, que aggrave ainda o crime religioso.

Que elle não chame intolerancia religiosa a uma crença intima, que me glorio de manifestar publicamente.

O pensar assim não quer dizer que eu considere o padre e o algoz como os dous elementos essenciaes da sociedade. O que penso, é que a religião é tão necessaria ao

progresso social, que era urgente impôl-a como lei, se não fôra uma crença do povo.

Não se entenda que eu sou apóstolo da tyrania de consciencia, dictada pelo zelo desvairado da inquisição, ou pela ambição perigosa do alto clero, quando ella exista.

Espero ao menos dos adversarios sensatos e educados, que assim o entendam; ficarei de todo satisfeito se consultarem a sua consciencia, sem resentimento de ninguem, pondo de parte o amor proprio, e verão que não anda mal avisado, o que não deseja que ao povo se facilite uma violação d'um sacramento da Igreja.

Se estas minhas idéas fazem rir o sr. Herculano, especialmente de atrever-me a escrever-lhe uma carta, façâ-mos então um dueto; porque é para rir o ver um sexagenario dar gargalhadas pelas miserias da humanidade!

Espero, porém, benevolencia, porque de mim não partiu nem afronta nem ameaça.

Permitta-se-me que eu diga, que não é a força imperativa d'uma educação religiosa, escrupulosa em demasia, que me leva para este lado; glorifico-me, sim, de receber de minha familia as ideias religiosas, que tão bem quadram á paz da aldeia, e que me inclinaram de criança á religião do christianismo; mas sinto-me sem preconceitos religiosos, a não ser a crença sincera, para ajuizar d'esta questão o mais razoavel e mais conforme ao bom juizo e senso.

Sou rapaz, e sinto no coração este sancto entusiasmo pela expansão espontanea de nossa alma em tudo o que tem de mais terao, risinho e arrebatador.

Nesta idade sente-se uma aspiração infinita, uma tendência indizível para tudo o que é grande; sentimos em nós uma elevação para o infinito, enlaçando-nos com a existencia de um Ser, que só pôde satisfazer a esta aspiração de nossa alma com sua magestosa grandeza!

De todos os sentimentos o que mais nos prende ao mysterioso é o amor! Sentimos um calor, que cêrca todo o nosso ser; o coração parece querer desprender-se do peito, occupar o infinito; e nem o amor da mulher, que ama, pôde medir este sentir incommensuravel de si mesmo! É que aspiramos a uma felicidade eterna, que se não limita à felicidade do mundo!

Este sentimento sublime abre-nos o infinito, e a esphera da vida estende-se, alarga-se indefinidamente para horizontes de luz, e para florestas de voluptuosidade e de delirio!

O bello, este principio eterno que reside em Deos, é o iman dos corações: sonhamos as delicias do céu; e o magnetismo celeste arrasta-nos a alma, todo o nosso ser, para outro mundo, um sonho da felicidade eterna!

Subimos; passamos além das estrellas, mais depressa, que um raio do sol; diviniamo-nos em contemplações divinas; e todas as graças da innocencia, todos os sentimentos de virtude e a mesma immortalidade do espirito mostra-nos que é o amor o élo sublime que une o céu á natureza!

O amor é a lei de toda a criação!

É a ordem e a lei do universo!

Entre o sol e a terra, entre o mundo e a lua, entre tantos milhões de esferas, que rolam pelos céos, lá existe o amor como a attracção universal, — a lei da criação toda.

Nas flores, nas plantas, nos arbustos do monte, ou nas arvores seculares das florestas, anima-se o amor nas funcções de fecundação vegetal.

O passarinho, cantando ao romper da alva nas manhãs da primavera; os animaes, procurando e chamando com sua voz pelos campos, pelos montes, ou pelos desertos, sua companheira querida, tal a primeira phase do amor, onde ao instincto da propagação da especie começa a unir-se a dedicação, uma união mais ou menos longa, a saudade da ausencia e tantas vezes a tristeza eterna da viuvez!

Por toda a parte é o amor a ordem e vida do universo e a lei de Deos, que regula tudo.

Mas o amor, chegando ao homem, ao anjo de gloria no dominio do mundo, altêa-se, toma um character mais sublime, e uma felicidade infinita é a visão do amor.

Não é só a conservação da especie esta lei universal da humanidade; não é o sentimento d'um momento, d'um dia ou quando muito d'uma primavera; o extasis não finda, a belleza é eterna!

O amor do homem separa-o bem de todos os brutos.

O homem não procura na mulher só o prazer e a voluptuosidade: procura uma unica companheira, confidente e amiga, seu allivio no aborrecimento, concentração de pensamentos, de crenças e de esperanças, perfeições ideaes,

mundo de encantos, que nos apparecem como a unica habitação dos anjos!

Então o amor é sublime e simples; uma pequenina casa no meio d'um bosque ao lado d'uma fonte, uma barquinha, balouçando-se sobre as aguas serenas d'um lago, ou mesmo a choupana rude numa serra aspera, eis a morada feliz, que a imaginação encantada nos desenha para a vida innocente do amor.

Ama-se a mulher, que nos distrahe dos tumultos da cidade para as delicias do amor, para o socego da vida campestre.

O amor é legitimo, é sagrado, é sempre sublime desde o momento da attracção, unica e exclusiva, dos dois amantes.

É certo que a sanctificação do amor vem da união de duas almas por uma dedicação espontanea e reciproca dos dous seres.

Sei bem que é esta a philosophia e natureza do amor. No romance, no poema e na consciencia do poeta, o amor é só isto: e a união, a identificação dos dous seres é legitima desde então.

Mas nós, que vivemos na sociedade, havemos de modificar nossa crença, nosso pensar, ás conveniencias d'ella; de contrario esta sublime manifestação de nossa alma cahiria no desprezo, na immoralidade e na prostituição.

Era, pois, urgente que a lei legitimasse a união dos esposos.

Mas que character deve ter esta lei? Eis aqui a questão. O primeiro progredir do homem é o conhecimento da mo-

ralidade, e a practica de todos os deveres, que mais lhe asseguram a sua dignidade racional.

Sem a religião o homem sacode de si, quebra esta cadeia divina de deveres, que lhe impõe a sua natureza intelligente e social; e para esse a idèa de Deos é um prejuizo reaccionario, que apaga todo o progresso e toda a crença no futuro.

O homem, que cumpre os deveres sociaes, só porque são impostos pela lei, não passa de um escravo tímido.

«A lei nada é quando é apenas a expressão da vontade humana. É preciso, para a tornar sancta, que seja ella a expressão da vontade divina. O que a constitue dever é o sentimento, que faz elevar a obediencia a Deos.»

Estas poucas paginas d'um dos pensadores do seculo, Mr. de Lamartine, mostram bem que um Estado não póde moralisar-se sem ter uma religião, protegida pela lei, onde assente a moral e a virtude.

Só a idèa de Deos pode dar um sentido a estas duas palavras, no pensar do grande poeta, do grande historiador e do grande philosopho.

Aqui tem s. ex.<sup>a</sup> uma auctoridade insuspeita, nada inferior a todos os que trabalharam na revisão do Codigo, e que tem fé no progresso intellectual da humanidade: é um dos apóstolos das ideias novas.

Ora, não é difficil conceber que um Estado sem religião não tem existencia; não passa d'uma abstracção do espirito, bem desenhada no campo ideal, mas absurda e ridicula no mundo exterior.

Felizmente gloriamo-nos de ver sancionada a religião catholica, no artigo 6.º da nossa Carta constitucional, como a religião do Estado.

S. ex.<sup>a</sup>, como christão, e nós todos, confessámos a superioridade d'esta religião sobre todas as outras, que se veneram em todos os cantos do globo.

Agora sejâmos coerentes em tudo.

O casamento é o mais importante acto da vida do homem. Vae este encetar uma carreira nova, unido a sua esposa, que defende até á morte, tomando cada um sobre si a maior das responsabilidades sociaes.

O homem, como chefe unico da familia, tem a tornar-se digno da sua missão augusta,—amar sua esposa, educar os filhos, dar-lhes uma direcção para a virtude, ensinar-lhes a comprehender a ideia de Deus, e a obediencia e respeito, que esta ideia inspira.

A mulher, pelo seu lado, prende-se até á morte ao seu destino e ao destino de seu esposo. Tem de crear em seu seio uma alma immortal, a que tem de instruir, com a ternura e afago de mãe, nos deveres sociaes, na practica do bem e em tudo o que constitue a religião do coração!

O pae tem de ensinar ao filho, que existe Deus e todos os attributos da Divindade: a mãe, a resignação, a oração e a esperanza.

Esta educação religiosa tem a insinuar-se na alma da criança logo que começa a pronunciar as primeiras palavras.

Transcreveremos duas palavras admiraveis de Aimé Mar-

tin, que são a garantia do que dizemos: « Quando a educação se apodera das crianças, acha-as numa situação absolutamente semelhante á do sabio Descartes: a sua intelligencia está pura; a alma dorme; a memoria, não está enriquecida; nenhuma coisa humana ahí está escripta..... O local está vazio, acham-se alli todas as idéas celestes; trata-se apenas de as fazer apparecer; mas, boas mães, não percaes de vista que, o que lhe gravardes, ficará.

Se lhe gravardes o erro, a criança viverá no erro; isto é, será desgraçada, mesmo quando a fortuna a encha de seus dons; se lhe gravardes a verdade, a criança viverá na verdade; isto é, será feliz, mesmo quando a fortuna a opprima de desgraças; porque, como observa Platão, só o conhecimento da verdade basta para a felicidade do homem.»

E se não vêm da familia as primeiras impressões religiosas, tarde ou nunca será em nossa alma o nome de Deos; e a obediencia á Divindade jámais será aceita em nosso coração.

Mas, como poderão os filhos receber as impressões religiosas da familia, se a união dos paes não tem a dignidade acramental, se não tem o élo sublime, que os prenda a Deus?

O casamento não é um acto vulgar da vida humana. Os esposos, ao ouvirem as palavras sacramentaes, a benção solemne do christianismo para a harmonia e felicidade perpetua, como que ouvem uma voz superior a dictar-lhes a missão grandiosa, que lhes impõe a religião de Christo.

Se o paganismo não solemnizava o hymeneu como um acto tão grave, tão magestoso, como o espirito do christianismo, se o festejava com folias e folguedos profanos, não desconhecia a Roma antiga que o espirito religioso devia firmar a união perpetua dos conjuges.

Sabe s. ex.<sup>a</sup> como o direito romano definia o casamento? Lá se encontra na L. 1.<sup>a</sup>, *Dig. de ritu nupt.* — *conjunctio maris et foeminae, consortium omnis vitae, divini et humani juris communicatio.*

Diz s. ex.<sup>a</sup> que o casamento é a base das sociedades, e que aos poderes civis pertence legislar sobre elle.

Muito bem. Se a nossa legislação civil é muda sobre o casamento, não nos envergonhemos de seguir o exemplo do codigo da Sardenha no artigo 108, que incorpora no direito civil a disposição do direito canonico na sanctificação do acto mais importante da vida humana.

Assim temos alcançado o que queremos — a intervenção da lei civil na união conjugal.

Parecerá exagerada esta accusação contra o projecto do Codigo nesta parte; pois que a lei não desconhecerá a união como sacramento, apesar de a reconhecer como simples contracto, firmado legalmente.

Mas se é factó assentado, que tal contracto é sacrilego e amaldiçoado pelas leis da Igreja, se não tem mesmo consequencias tão salutaes, como o matrimonio, para que ha de a lei civil legalisar um acto, que offende a propria religião garantida pelas leis patrias?

Não é evidente que a lei é contradictoria consigo mesmo?

De duas uma: ou ha de vigorar o artigo 6.º da Carta constitucional; e nesse caso risque-se essa lei irreflectida do projecto da Comissão revisora; ou, para vigorar esta disposição, é urgente apagar o artigo 6.º da Carta, e entoar hymnos á liberdade de cultos.

S. ex.<sup>a</sup>, para provar a grande utilidade da disposição do projecto em questão, leva-nos para a abstracção da philosophia, levanta-nos o véu, que nos encobria o eden prometido, e mostra-nos um céu novo, puro, sem nuvens, na liberdade de consciencia!

Não venham argumentar com o artigo 145 da Carta constitucional. Sejam ao menos sinceros e francos nas declarações, que fizerem de seus sentimentos. Querem o protestantismo? Levantem então bem alto um hymno á independencia de Roma nas coisas espirituaes, e bradem francamente — que o protestantismo é a religião que mais se casa com a liberdade, egualdade, e fraternidade, a trindade adorada da civilisação moderna.

Digam, com a mesma força com que eu digo que me glorifico de prestar homenagem ao catholicismo, que são despreziveis os dogmas dos Concilios, e que é uma vergonhosa crença a intervenção do céu nos concilios ecumenicos, em lugar da irreflectida conjectura de que o Espirito Santo andava um pouco alongado de Trento.

É por isso que mr. Lebrun, o *Citador*, apesar de ser profundamente indecente, é mais digno de veneração, por se mostrar tal como pensa, do que os modernos Menippes!...

Quando a verdade illumina o espirito inspirado, que se não apague esse pharol, que pode guiar os nautas, perdidos num oceano de morte e de trevas, ás praias d'uma terra nova, onde possamos ter os encantos da ilha dos Lusíadas, de Fano de Calypso, ou da phantastica ilha da Haidée de Byron.

Lebrun viu afflicta a humanidade debaixo do pezo da religião hebraica e christã; riu-se das sublimes e grandiosas imagens dos livros Israelitas; e nem a Mãe dos innocentes, Maria, a Virgem da Palestina, pôde escapar á sua voz atrevida e impia, chamando-a prostituta, porque era trigueirinha e bella.

Depois do livro de Lebrun surgiu do cahos uma luz nova, e quer-me parecer que depois das ultimas series sobre esta questão, do sr. Herculano, ha de raiar uma luz tão resplandecente, que se dispensarão as auroras boreaes aos filhos da nova Zembla, da Groenlandia ou de Spitzberg.

Dizia eu que não deveríamos dar importancia aos argumentos, que têm apparecido fundados no artigo 145 § 4.º da Carta constitucional.

Tem-se querido alguém basear nesse § 4.º para fazer surgir d'ahi forçadamente a liberdade de cultos etc., porque a lei dispõe que: «ninguem pode ser perseguido por motivos de religião»; e esqueceram-se de ler o final d'esse §, que diz: «uma vez que respeite a do Estado, etc.»

Logo a propria Carta, no § a que recorrem, manda punir os que não respeitarem a religião do Estado, dictada no artigo 6.º da mesma Carta.

E respeitará a religião catholica o que for receber a esposa á administração do concelho, ou talvez a casa do official de diligencias?

Certamente que o silencio augusto do templo é ridiculo para um acto tão solemne como o casamento; certamente que é mil vezes baixo que perante Deus se vá firmar o laço conjugal, e prestar o juramento reciproco de fidelidade e de amor.

Levantam-se pensadores, que mostram ares propheticos, e que não pensam senão em reformar a humanidade; todos os seus esforços miram a isso; sigamos esses apóstolos do futuro.

Mas, pensadores como estes, que, para firmarem as suas convicções, attacam o que ha de mais sancto no christianismo, mostram-se muito ignorantes do coração do homem, e nem ao menos vêem que as conveniencias sociaes pedem como necessaria uma religião para estabilidade das instituições politicas.

Será uma phantasmagoria a religião de Christo? será ridicula crença o milagre da Redempção? será repugnante a Deus tomar a forma do ser mais perfeito da criação?!

Que responda Rousseau na sua — *troisième lettre de la Montagne*: « Podes Deus fazer milagres? Quero dizer, pode derogar as leis, que estabeleceu? Esta questão, seriamente tractada, seria impia, se não fosse absurda; castigar aquelle que a resolvesse negativamente, seria fazer-lhe muita honra; deve-lo-hiam fechar e cercar com um vallado.»

Esse apostolo da liberdade sem limites, no Contracto Social, quer que se fizesse uma formula de fé, pela qual prestasse todo o cidadão o juramento de professar o dogma da existencia de Deus, da Providencia e da immortalidade da alma; e tão grande era a sua crença 'nestes dogmas, que queria a punição aspera de se banir como insociavel o que se recusasse a isto, e condemnado á morte o que fosse infiel ao juramento prestado.

Era inquisitorial e altamente duro, mas era isto uma expansão d'uma crença sublime!

Ora, quem ridiculisa a religião d'uma nação em face do povo, a religião que é tida pela que melhor se une á liberdade bem concebida e a todos os sentimentos mais venerandos do coração e concepções da alma, certamente que não pertence ao apostolado de Solon, Pithagoras, Lycurgo, Zaleuco e Numa da Roma antiga.

Admittindo o casamento civil, evidentemente fica prejudicado o artigo 145 § 4.º da Carta, visto que a lei nova permite que se tenha em nenhuma attenção a nullidade dos casamentos sem as formalidades religiosas, estabelecida pela Igreja.

Portanto, a lei não garante o culto externo á religião do Estado; e mesmo ha de riscar-se o titulo 1.º capitulo 1.º do livro 2.º do Codigo penal.

Logo, é uma consequencia forçada a liberdade de cultos; e desde então, qualquer das religiões não pode ser garantida pelo Estado; e por consequencia o culto da religião christã será ephemero, por isso que não ha a in-

tervenção do Estado na collação dos parochos, bispos e mais auctoridades ecclesiasticas, que só ficam dependentes da piedade particular.

Mas, pergunto: s. ex.<sup>o</sup> para quem falla? pensará elle que ha em Portugal perto de quatro milhões de philosophos?

Os que sabem a sciencia, conhecerão a nenhuma utilidade practica d'essa bella idealidade.

Os que a não sabem, pasmam diante d'essa abstracção da sciencia, arregalam os olhos para melhor verem o que significa essa felicidade promettida, mas por fim riem-se d'essas dissertações philosophicas, que não comprehendem.

Demais, nós não temos a liberdade de consciencia hoje? ha lei alguma, que nos force á crença intima?

Temos, sim, obrigação de respeitar exteriormente a religião do Estado, para a boa moralidade e bom exemplo de todos: esta é a obrigação que nos impõe a lei. E que maus resultados nos vêm d isto?

Demais, não é preciso pensar muito para ver os inconvenientes practicos da lei em projecto. Ha, certamente, ministros da religião, que são escrupulosos em objecto de dogma, mas que são sinceros na crença.

A religião impõe aos pastores da Igreja a obrigação de negar a sagrada hostia ao que viver em escandalo e peccado publico. Ora, em que circumstancias collocarão elles os casados civilmente, sem o laço religioso, que os una? De certo como a Igreja os considera, amancebados na verdadeira significação d'esta palavra.

Isto não é fanatismo, é a verdade, e digamol-a.

Sabem todos bem que Pio VII, quando foi a França coroar o grande Napoleão I, não o intimidou o poderio do primeiro homem do seculo; e em nome da sua missão augusta lhe mostrou que o consorcio com Josephina era um verdadeiro concubinato; e que em materia de fé era inflexivel.

Ora, á vista d'isto, o parochó, que encontrar a meza da communhão um casado civilmente, está certamente entre Scylla e Carybdes. Se lhe concede a sagrada Eucharistia, transgride os seus deveres de ministro da Igreja; se lhe nega este sacramento do catholicismo, evidentemente não reconhece, depreza mesmo, uma lei nossa, legalmente constituida. E que ha a fazer-se a um cidadão portuguez, que não prestar obediencia a uma lei portugueza? O remedio é evidente: é processal-o.

Eis aqui o que resulta da lei:— a perseguição do clero, muitas vezes o mais sincero, o mais convicto e o mais virtuoso.

Aqui estão expostas muito por alto muitas das razões, que me inclinam a manifestar o quanto acho absurda e inconveniente uma lei, que nem nos civilisa, nem nos traz essa promettida felicidade, no pensar dos racionalistas sómente; e termino esta segunda parte, transcrevendo de João Jacques Rousseau algumas palavras bem sensatas:

« O espirito raciocinador e philosophico prende á vida, effemina, envilece as almas, concentra todas as paixões na abjecção do egoismo, na baixeza do eu humano, e demole assim surdamente os verdadeiros interesses da sociedade ;

por quanto o que os interesses particulares têm de commum é tão pouco, que será impossivel equilibrar o que elles têm de prejudicial. »

Creio que tem isto bastante applicação.